

## CONCLUSÕES GERAIS

«Los cuatro puntos cardinales son tres: el norte y el sur»  
(Altazor)

Pode agora dizer-se, ao terminar este trabalho, que a minha ambição fundamental era fazer em relação à C1419 o que L. Cintra fizera a respeito da C1344: colocá-la no centro das atenções e, a partir daí, estudar a sua constituição interna, os seus processos de formação e caracterizar o papel por ela desempenhado na evolução da historiografia portuguesa. É claro que entre um e outro projecto as diferenças não são negligenciáveis: a excelente edição crítica de Adelino Calado evitou, ponhamos o caso, que eu, ao contrário de Cintra, tivesse tido de editar a *minha* Crónica (e a expressão em itálico deve entender-se também no sentido em que, por exemplo, Faria e Sousa falava de Camões como *mi poeta*). Mas o ponto de partida da dissertação que aqui fica pode localizar-se na constatação de que fazia falta um estudo com aquelas características acerca da C1419. Quanto às suas principais conclusões, podem resumir-se da seguinte forma.

A C1419 foi uma iniciativa da corte de Avis, mais concretamente do Infante D. Duarte (e a própria crónica se assume como tal, à semelhança de todas as outras obras emanadas desse meio), destinada a narrar uma versão oficial dos reinados de D. Afonso Henriques a D. João I, terminando o texto hoje conhecido em D. Afonso IV sem que deva rejeitar-se, pelo que em seguida digo, que a parte posterior deste projecto tenha sido também preservada. A respeito da sua autoria material, o mais provável é que a C1419 *tenha sido redigida por Fernão Lopes, embora* haja elementos que levam a pensar o contrário; deve porém notar-se que os contraditores da «tese Fernão Lopes» se têm praticamente limitado a refutar parte dos argumentos que vão sendo apresentados pelos seus defensores ou a encontrar eles próprios argumentos refutatórios, *sem que tenham alguma vez sido capazes de formular uma outra tese com o mesmo grau de sustentabilidade*. A questão mais importante será, de resto, a de ser ou não possível identificar a C1419 com a parte inicial do conjunto em que se inserem as «Crónicas» de D. Pedro, D. Fernando e D. João; o facto de Fernão Lopes ser o maior dos cronistas medievais portugueses e de a questão das suas «crónicas» perdidas ter vindo a ser ininterruptamente debatida ao longo dos últimos 500 anos é que explica a preocupação da crítica em procurar determinar o autor material da C1419.

A respeito dos processos globais de construção usados pelo redactor da C1419, eles são ainda, em boa medida, tributários dos da escola afonsina. O redactor quatrocentista reuniu, com efeito, um diversificado conjunto de fontes (narrativas ou documentais), elegeu uma delas – a *Crónica de 1344*, primeira redacção – como estruturador geral do discurso, e foi inserindo no texto oriundo dessa Crónica passagens provenientes das restantes fontes reunidas de acordo com dois grandes critérios, o cronológico e o temático, com predomínio do primeiro.

Do ponto de vista semântico-ideológico, o estudo do processo de formação da C1419 e a análise comparativa do seu texto com o das suas fontes conhecidas permite identificar como valores fundamentais do texto o serviço ao Rei, ao Reino e a Deus. É relativamente a estes valores que a acção das personagens é julgada, e é com base neles que o redactor quatrocentista selecciona ou modela os episódios e as acções colhidos nas suas fontes. Do ponto de vista estilístico, a brevidade e a clareza são os efeitos mais explícita e recorrentemente procurados pelo redactor.

A posteridade da C1419 foi, por seu lado, bem mais expressiva do que tem sido admitido. Uma busca por diversos manuscritos dos séculos XV-XVII permitiu-me, com efeito, identificar um punhado de textos cujo conhecimento da obra quatrocentista parece claro ou admissível, contando-se entre eles alguns Sumários de Crónicas, um dos quais redigido em língua castelhana. Juntando estes novos dados à análise das obras cujo aproveitamento da C1419 era já admitido (Crónicas de Duarte Galvão, Rui de Pina e Rodrigues Acenheiro), foi-me possível traçar um quadro geral da posteridade da C1419. Pode, assim, dizer-se que a corte régia e o mosteiro de Santa Cruz de Coimbra terão sido os principais meios difusores desta crónica, e que os exemplares da obra quatrocentista que foram manejados pelos historiógrafos do século XVI pertenceriam todos ao ramo da tradição manuscrita representado pelo manuscrito P. O manuscrito C, que poderá, de resto, estar relacionado com a Ordem de Cristo, não terá deixado posteridade, embora os percalços da história tenham feito dele o testemunho mais completo da C1419 hoje conhecido. A C1419 sofreu, por outro lado, dois tipos de usos: um, extenso (é o que sucede nas obras de Rui Pina, Duarte Galvão e Rodrigues Acenheiro), outro, pontual ou em segundo recurso (como nos textos de Gaspar Correia e em alguns Sumários de Crónicas quinhentistas), sendo que o primeiro foi nitidamente a causa do segundo. O facto de o conteúdo da C1419 ter sido incorporado, praticamente na íntegra, por Rui de Pina e Duarte Galvão, aliado à ampla difusão de que gozaram as crónicas destes autores ao longo de todo o século XVI, fez com que o recurso à C1419

se tornasse pertinente apenas nas poucas passagens em que os cronistas manuelinos se tinham afastado dela (com a excepção de Rodrigues Acenheiro, que concedia normalmente maior importância aos textos mais antigos). Vistas as coisas por outro prisma, foi, contudo, esse mesmo facto que garantiu à C1419 uma notável perdurabilidade: a história dos primeiros reinados que, durante muito tempo, os portugueses conheceram e propagaram teve, em grande medida, como base (e ainda hoje tem) a de Duarte Galvão e Rui de Pina, e como estes se tinham, por sua vez, baseado na C1419, a versão dos acontecimentos elaborada por esta última obra acabou por se tornar, em vários casos, a versão oficial e mais conhecida.

Por tudo isto, penso ter tido o privilégio de dizer algo de novo sobre o processo de formação, os significados e a posteridade da C1419. Muito mais haveria, todavia, e inevitavelmente, a dizer. Eis porque me permito finalizar com uma breve chamada de atenção para algumas pistas que este trabalho levanta, ou para algum ponto em que as interrogações são maiores que as certezas. Será necessário, por exemplo, aprofundar o estudo das fontes documentais da C1419, de preferência através de monografias em que se tenha presente as chancelarias régia e pontifícia, bem como os resultados da investigação arquivística que felizmente se vai fazendo. Também os manuscritos historiográficos dos séculos XVI ou XVII terão ainda, certamente, muito que revelar. E há, neste particular, muito trabalho de base por fazer: catalogação e correcta identificação de manuscritos, estudos estemáticos, transcrições, edições, etc. A importância de todo este material para o estudo da transmissão de textos medievais não pode negligenciar-se, embora todas essas obras quinhentistas mereçam também, e obviamente, estudos particulares sobre cada uma delas. Basta ver, por exemplo, a quantidade de Sumários de Crónicas ainda hoje existentes, para nos apercebermos de que o papel por eles desempenhado na Cultura portuguesa do século XVI foi bem mais importante do que fazem crer as escassas linhas que lhes têm sido dedicadas por uma investigação ainda excessivamente confinada ao estudo da historiografia ultramarina e religiosa e às obras que obtiveram o privilégio de serem impressas. Também o sempre discutido problema da autoria da C1419 poderá beneficiar de novas e sistemáticas abordagens, embora a sua pacificação dependa, talvez, de uma singela redefinição do conceito de «autoria». Se nos lembrarmos, com efeito, de que a própria C1419 se diz feita por um Infante que não poderá ser outro que não D. Duarte, talvez isso seja mais importante do que a identificação do indivíduo que concreta e materialmente a redigiu.

Afinal, se a *Estoria de España* e a *General Estoria* se atribuem a Afonso X de Castela e Leão, porque não há-de vir a atribuir-se a C1419 a D. Duarte de Portugal?

## ÍNDICE

**AGRADECIMENTOS** (4)

**INTRODUÇÃO** (7)

**Parte I - A *Crónica de Portugal de 1419***

**1. Manuscritos: datação, conteúdo e relações estemáticas** (16)

O manuscrito C (16)

O manuscrito P (19)

A cópia fragmentária Pf (20)

A cópia fragmentária T (23)

A cópia fragmentária L (25)

Relações estemáticas entre os manuscritos da C1419 (26)

**2. A *Crónica de 1419*: o conteúdo e o problema da autoria** (27)

Conteúdo e datação (27)

Autoria. A *Crónica de 1419* e as Crónicas dos sete primeiros reis de Portugal (28)

As crónicas oficiais dos primeiros reis de Portugal (30)

A *Crónica de 1419* e as Crónicas «perdidas» de Fernão Lopes (43)

**Parte II - A *Crónica de Portugal de 1419*: fontes e estratégias**

**1. A *Crónica de 1419* e a tradição historiográfica: processos globais de construção textual** 68

**1.1. Estruturação do discurso com base na retoma de textos pré-existentes: a tradição afonsina e sua herança** (68)

**1.2. A *Crónica de 1419* e a tradição afonsina: continuidades e rupturas** (75)

**1.2.1. A *Crónica de 1419*: processos globais de construção textual** (79)

i) Retoma de textos anteriores (80)

ii) Adopção do texto da *Crónica de 1344* e inserção de porções textuais vindas de outras fontes de acordo com dois critérios: o cronológico e o temático (82)

iii) Harmonização e clarificação textual (92)

iv) Elaboração de uma macroestrutura (95)

**2. A *Crónica de 1419*: fontes e estratégias** (97)

**2.1. Fonte estrutural básica: a C1344** (99)

**2.1.1. A C1419 e as duas versões da C1344** (101)

a) a *IVª Crónica Breve*, a C1344 e a C1419 (102)

b) a *IVª Crónica Breve*, fonte da C1419? (105)

c) A primeira redacção da C1344, fonte da C1419. Implicações (110)

**2.1.2. Uso da C1344 pela C1419** (112)

**2.2. Fontes Estruturais Suplementares** (143)

**2.2.1. O *De Expugnatione Scalabis*** (143)

**2.2.2. O *Relato da Fundação do Mosteiro de S. Vicente*** (151)

**2.2.2.1. As duas versões do *Relato* e a C1419** (151)

**2.2.2.2. Uso do *Relato da Fundação do Mosteiro de S. Vicente* pela C1419** (155)

**2.2.3. O Poema Latino da Conquista de Alcácer do Sal (*Carmen Gosuini*)** (162)

**2.3. Fontes Secundárias** (173)

**2.3.1. A *Vita Teothonii*** (173)

**2.3.2. Os *Miracula Vicentii*** (177)

**2.3.3. A *Vida da Rainha Santa Isabel*** (182)

**2.3.4. Fontes documentais** (192)

**2.4. Fontes problemáticas** (196)

**2.4.1. Terá a C1419 conhecido uma versão da *Estoria de España*?** (196)

2.4.2. Conheceu a C1419 uma cópia da *Crónica do Mouro Rasis*? (198)

2.4.3. A chamada *Crónica da Conquista do Algarve* e a C1419 (203)

2.4.3.1. A CCA e a C1419: semelhanças e diferenças (206)

2.4.3.2. A tese da autonomia e anterioridade da CCA (209)

2.4.3.2.1. Dúvidas acerca dessa teoria (210)

Conclusão (223)

### **Parte III - A *Crónica de Portugal de 1419*: posteridade (a *Crónica de 1419* e a historiografia ibérica dos séculos XV e XVI)**

Propósitos e Metodologias (231)

1. A *Crónica Breve do Arquivo Nacional* e a *Crónica de 1419* (239)

2. A Terceira redacção da *Crónica de 1344* e a *Crónica de 1419* (245)

3. A *Crónica de 1419* e o *Memorial Português de 1494* (255)

4. Duarte Galvão e a *Crónica de 1419* (259)

4.1. Relações entre o ms. Alcobacense 290 BN e a *Crónica de 1419* (259)

4.1.1. O ms. Alcobacense 290 BN (259)

4.1.2. O ms. Alcobacense 290 BN e a historiografia medieval. O ms. 290 e a *Crónica de 1419* (261)

4.1.2.1. A versão primitiva da *Crónica de D. Afonso Henriques* e a *Crónica de 1419* (265)

A *Crónica de 1419*, fonte já da versão primitiva? (271)

4.1.2.2. A *Crónica de 1419*, fonte de SA1. (276)

4.1.2.3. Filiação da versão primitiva da *Crónica de D. Afonso Henriques* de Duarte Galvão na tradição manuscrita da *Crónica de 1419* (279)

4.1.3. O ms. 290 foi copiado antes de que a segunda mão o refundisse. O testemunho de Évora CIII-2/12 (290)

4.2. A Versão Vulgata da *Crónica de D. Afonso Henriques* e a *Crónica de 1419* (293)

4.2.1. Filiação da Versão Vulgata da *Crónica de D. Afonso Henriques* de Duarte Galvão na tradição manuscrita da *Crónica de 1419* (293)

4.2.2. Forma de aproveitamento da *Crónica de 1419* pela *Crónica de D. Afonso Henriques*: repetição e diferença (296)

a) Consulta adicional de fontes (297)

b) Sequencialização da narrativa (301)

c) Ressemantização da fonte principal. Construção de um discurso providencialista

i) O prólogo (304)

ii) Comentários do autor/narrador (307)

iii) Amplificação ou reescrita pontual do texto-fonte (309)

Conclusões (312)

5. Rui de Pina e a *Crónica de 1419* (314)

5.1. Partes das Crónicas de Rui de Pina derivadas da *Crónica de 1419* (314)

*Crónica de D. Sancho I* (314)

*Crónica de D. Afonso II* (317)

*Crónica de D. Sancho II* (319)

*Crónica de D. Afonso III* (321)

*Crónica de D. Dinis* (322)

*Crónica de D. Afonso IV* (325)

5.2. Localização do exemplar da *Crónica de 1419* manejado por Rui de Pina no estema desta obra actualmente passível de reconstrução (327)

5.3. Modo como Rui de Pina usou a *Crónica de 1419* (329)

a) Correções (331)

b) Omissões (332)

5.4. A *Crónica de 1419* e a historiografia de Afonso XI. O testemunho de Rui de Pina (336)

Conclusões (345)

6. Cristóvão Rodrigues Acenheiro e a *Crónica de 1419* (346)

6.1.	Partes da <i>Crónica de 1419</i> copiadas ou sumariadas por Acenheiro (3469)
6.2.	Localização do exemplar da <i>Crónica de 1419</i> manejado por Acenheiro no estema desta obra actualmente passível de reconstrução (351)
6.3.	Modo como Acenheiro usou a <i>Crónica de 1419</i> . Conclusões (354)
	a) Omissões (355)
	b) Comentários do compilador (357)
	c) Preferência por outras fontes (359)
	Conclusões (362)
7.	Gaspar Correia e a <i>Crónica de 1419</i> (363)
7.1.	A compilação de Gaspar Correia e as crónicas dos sete primeiros reis de Portugal (363)
7.2.	A compilação de Gaspar Correia e a <i>Crónica de 1419</i> (365)
	i) No relato do reinado de Sancho II, Correia usou a <i>Crónica de 1419</i> e não a <i>Crónica de Pina</i> (365)
	ii) Gaspar Correia teve acesso a uma cópia integral da <i>Crónica de 1419</i> : o reinado de D. Afonso III (368)
	iii) Localização do exemplar da <i>Crónica de 1419</i> manejado por Gaspar Correia no estema da <i>Crónica de 1419</i> (370)
	iv) Modo como Gaspar Correia usou a <i>Crónica de 1419</i> . Conclusões (372)
8.	O Sumário de Crónicas do ms. 1198 da BPMP e a <i>Crónica de 1419</i> (375)
8.1.	O Sumário de Crónicas do ms. 1198 da BPMP e os sete primeiros reis de Portugal
	a) D. Henrique e D. Afonso Henriques (375)
	b) D. Sancho I (382)
	c) D. Afonso II (385)
	d) D. Sancho II (389)
	e) D. Afonso III (389)
	f) D. Dinis (391)
	g) D. Afonso IV (393)
8.2.	O Sumário de Crónicas do ms. 1198 BPMP e a <i>Crónica de 1419</i> (396)
	Conclusões (405)
9.	A <i>Crónica de 1419</i> e uns Sumários dos Reis de Portugal em língua castelhana (406)
	Características materiais e conteúdo do ms. 2268 da BNE (406)
	O Sumário de Crónicas do ms. 2268 BNE (407)
	Estrutura do Sumário. O Sumário e as Crónicas dos sete primeiros reis de Portugal
	a) A estrutura do Sumário de Crónicas do ms. 2268 BNE. Acrescentos às Crónicas de Pina e Galvão (409)
	b) O Sumário de Crónicas do ms. 2268 BNE e a <i>Crónica de 1419</i> (418)
	<b>CONCLUSÕES GERAIS</b> (424)
	<b>ANEXOS</b> (429)
	<b>BIBLIOGRAFIA</b> (444)
	Manuscritos (444)
	Edições (444)
	Estudos (449)
	<b>ÍNDICE</b> (463)